

TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIA DE CARLOS ROBERTO SOUSA – UM DOS SETE PRIMEIROS ESTUDANTES DO PRECE¹

Ana Maria Andrade UFC anamariaprece@gmail.com, Luiz Botelho Albuquerque UFC luizbotelho@uol.com.br

Eixo: 8 Histórias de vida como estratégias formativas para o desenvolvimento humano

RESUMO

Este trabalho analisa a trajetória de vida de um estudante do PRECE. Pretende-se mostrar a importância da experiência como um exemplo de prática docente centrada no estudante, impulsionando o mesmo a ser um protagonista do seu processo de aprendizagem. Como disse Freire “ninguém educa ninguém, os homens se educam em comunhão”. Foi assim que os estudantes do PRECE se construíram a partir do educar-se em comunhão, transformando-se pela cooperação e solidariedade, de pessoas excluídas socialmente para cidadãos realizadores de sonhos. Sete jovens se uniram para se escolarizarem e se graduarem. Assim, romperam um sistema de exclusão social que imperava no interior de Pentecoste, a 94 km de Fortaleza, na década de 90, quando tudo era difícil e as pessoas não sabiam o que era uma universidade. A partir deles, centenas de jovens se apropriaram dessa prática e hoje podemos ver muitos resultados. A análise se dará a partir de uma entrevista gravada com um dos sete estudantes pioneiros do movimento estudantil, amparada pela metodologia de Histórias de Vida e formação - JOSSO (2004). Guiando –se ainda em MORIN (2000), em FREIRE (1996). Como resultados parciais, veremos como se deu essa aprendizagem e quais foram os êxitos.

Palavras Chaves: Educação; História de Vida; Cidadania

1. Introdução

1.1. O PRECE segundo os conceitos de Edgar Morin

Segundo MORIN (2000) o conhecimento é algo que não deve ser reservado somente a filósofos, mas a todos. Para ele “a educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão”. Diz também que o conhecimento é sempre uma “tradução seguida de uma reconstrução”. (p.20).

¹ Em 1994 o grupo era uma iniciativa que não tinha nome; em 1998, o projeto foi registrado na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará como Escola Alternativa; em 1999 como Projeto Educacional Coração de Estudante; e em 2004 passa a ser Programa de Educação em Células Cooperativas. Conhecido nacionalmente como PRECE – um movimento de estudantes, com a colaboração da classe de professores em geral – secundaristas e universitários.

Ao analisar o processo em que se gerou o PRECE, a partir do primeiro grupo de estudo, vemos que o mais simples estudante agricultor da região de Cipó realizou por ele mesmo essa busca pelo conhecimento e foi acertando e errando que o grupo inicial foi se construindo. Na caminhada, sonhavam e lutavam para que seus sonhos fossem realidades, mas entre esses sonhos, havia espaço também para muitas ilusões, porém, essas foram deixadas para trás, pois a superação os fez olhar para o futuro que chegou anunciando uma nova vida, não sem dores, mas muito melhor que antes.

O filósofo fala que se deve buscar pelo conhecimento pertinente, coeso, não fragmentado, onde haja uma relação de interdependência entre as partes e o todo e vice-versa. Ressalta a questão da contextualização do conhecimento, levando em conta que os fatos que ocorrem localmente também se conectam com o global. Um conhecimento pertinente valoriza saberes e práticas que desenvolve na escola e na comunidade, sem esquecer que isso leva a uma cidadania planetária. Na experiência do PRECE que se deu no âmbito dos movimentos sociais e das organizações não governamentais, sempre se mediou a aprendizagem do conhecimento a partir de situações pertinentes a vida do estudante, aos seus interesses e necessidades, como ainda ao seu nível de competência acadêmica existente. (p.34).

Para MORIN deve se destacar a identidade humana como fator importante na educação. Ele se espanta com a desvalorização que os sistemas de ensino dão em não se preocuparem com a questão da identidade do indivíduo. Ressalta que somos parte de uma espécie mas que “estamos em uma sociedade e a sociedade está em nós”. A nossa identidade nos faz ser únicos, “mesmo perdidos no cosmos”.

Os sete primeiros estudantes do PRECE tinham uma identidade própria que os fazia serem únicos, como uma “trindade”, em unidade na sua terra rural. Eles se preocupavam uns com os outros, com suas famílias e suas comunidades e portanto, retroalimentaram o retorno aos fins de semana para promoverem a inclusão social de seus irmãos/ãs e amigos na universidade que antes, era para ricos, em maior número.

Para Morin, esse princípio da identidade humana nos leva a “entender a nossa realidade, nossa diversidade e singularidade” e “para que isso aconteça devemos fazer convergir todas as disciplinas conhecidas para identidade e para a condição humana, ressaltando a noção de homo sapiens”. (p. 55).

Ao falar sobre a compreensão humana, Morin destaca que “nunca se ensina sobre compreender uns aos outros, como compreender nossos vizinhos, nossos parentes, nossos pais”. Ele diz que “a compreensão humana vai além”, portanto, “compreender alguém

que chora, por exemplo, não é analisando as lágrimas no microscópio, mas porque sabe-se do significado da dor, da emoção, por isso é preciso compreender a compaixão que quer dizer sofrer junto, é isto que permite a verdadeira comunicação humana”.

Tomamos esse conceito de Morin para situar a prática de estudo do grupo de estudantes precisistas quando, ao interagirem uns com os outros, no aprender a aprender dos conteúdos, quando compartilhavam suas histórias de vida carregadas de sofrimento, dor, tristezas, medo, dúvidas para melhorarem e se encherem de esperança em um futuro povoado de sonhos.

Eles eram muito unidos, nos estudos, nos jogos de futebol, nos passeios a boca da noite a procura de namoradas, pareciam irmãos, na amizade, na solidariedade e compaixão quando um deles passava por problemas. Eles se ajudavam em transmitir afetos e em compartilhar das coisas materiais como empréstimos de roupas, bicicletas, dinheiro, comida, etc. Percebe-se facilmente, no limiar da experiência dos sete primeiros estudantes do PRECE, os conceitos apontados por Morin, constantes na sua obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (1999).

O PRECE vai se formando pela ação de seus protagonistas entre líderes orientadores da ação e estudantes povoado de incertezas e subjetividades, nada era fixo, imutável. As pessoas costumavam dizer que o PRECE mudava velozmente em vários aspectos: seus paradigmas, ideias, suas perspectivas, seus sonhos, suas estratégias de aprendizagens, seus conteúdos, seus projetos didáticos, seus cursos, seus colaboradores e seu público. Até seu nome passou por várias mudanças. Há quem tenha dúvida do significado da sigla PRECE, se é movimento ou se é apenas um programa. Pensamos que há duplo significado, por um aspecto é movimento, por outro, é um programa.

O fato é que essa ideia de fixidez não existe mais em nenhum lugar da educação do século XXI e muito menos haverá na do futuro e, por isso, compartilhamos do conceito da incerteza, de Morin. Ele pontua que devemos ensinar sobre a incerteza, pois nem mesmo as ciências físicas e humanas puderam garantir como certas e acabadas as suas descobertas. Ele diz ser “necessário mostrar em todos os domínios sobretudo na história o surgimento do inesperado”.

Morin cita um exemplo: “As duas guerras mundiais destruíram muito na metade do século XX, depois da Primeira Guerra Mundial, os três grandes impérios: romano otomano, austro-húngaro e soviético desapareceram”. Esses impérios como tantos outros da História Mundial pareciam imutáveis, inabaláveis. Com isso, sentimos a necessidade de trabalhar com o que ele chama de “ecologia da ação: a atitude que se toma quando

uma ação é desencadeada e escapa ao desejo e às intenções daquele que a provocou, desencadeando influências múltiplas que podem desviá-las até o sentido oposto ao intencionado”.

Morin fala que “é necessário tomar consciência de que as futuras decisões devem ser tomadas contando com o risco do erro e estabelecer estratégias que possam ser corrigidas no processo da ação, a partir dos imprevistos e das informações que se tem”. Vemos que apesar das incertezas, no PRECE havia a consciência de que seria necessário pensarmos nos riscos que os erros poderiam trazer numa tentativa de minimizar as incertezas. Assim, professores líderes que colaboravam com o projeto social sempre conversavam com os estudantes, ouviam suas queixas, dúvidas e orientavam quanto a forma de estudar, que atitudes poderiam tomar para atingirem suas metas dentro do tempo que tinham, que profissão poderiam escolher, dentre outros temas, tudo com o intuito de se preparar para evitar o erro. (p.79).

Morin se preocupa com o aspecto da “condição planetária”, pois segundo seu conceito, a partir da era da “globalização no século XX, que começou, na verdade no século XVI com a colonização da América e a interligação de toda a humanidade, esse fenômeno que estamos vivendo hoje em que tudo está conectado, é um outro aspecto que o ensino ainda não tocou” e não nos parece haver preocupação alguma dentro desse aspecto por parte de nosso sistema de ensino formal. Hoje, nossa sociedade se define pela velocidade e nos arrasta como um furacão nos tornando cada vez mais angustiados dentro de nosso “planeta e seus problemas, a aceleração histórica, a quantidade de informação que não conseguimos processar e organizar”, tudo em nós e nós em tudo, mas meio espantados com um turbilhão de coisas nos rodear.

O surgimento do PRECE em 1994 foi uma resposta a um problema que faz parte dessa condição planetária de que fala Morin. A situação local onde a iniciativa educacional não-formal nasceu era um celeiro de exclusão social. Um município governado por lideranças políticas descompromissadas, com ares de quem governa para meia dúzia de gente e não para toda a população. Governos ainda despóticos e de práticas arcaicas, sinais de atraso. Diante desse quase abandono e falta de compromisso com uma população de baixa renda Pentecostense foi que nasceu o projeto social.

De acordo com Morin, a condição planetária nos aponta para um “destino comum” a todos os seres humanos e é nisso que entendo a dimensão social que o PRECE respondeu muito bem. A preocupação com o outro, se esse outro tem as mesmas oportunidades que a meia dúzia abastada que podia estudar e se formar na capital. Se esse

outro teria comida na mesa, roupa para vestir e educação que transformaria seus destinos de mendicância política em época de eleição, de resignação e obediência cega aos ditames do político da região. Essa condição planetária sai de questões básicas de sobrevivência como ter alimento e vestuário e se expande a partir desse elemento a mais na vida do ser humano que é a educação, sem ela, outras preocupações que garantem a vida do planeta não se estabelecem. Sobre o cuidado com a preservação da terra, Morin pontua que “o crescimento da ameaça letal como a ameaça nuclear se expande em vez de diminuir, a ameaça ecológica, a degradação da vida planetária. É preciso mostrar que a humanidade vive agora uma comunidade de destino comum. (p.93)

Morin, ao falar do saber antro-po-ética, destaca o valor da ética que o ser humano deve desenvolver. Essa deve gerar “uma autonomia pessoal - as nossas responsabilidades pessoais - e desenvolver uma participação social - as responsabilidades sociais - e a nossa participação no gênero humano, pois compartilhamos um destino comum”. (p.105). Essa dimensão ética é algo muito trabalhado nas estratégias pedagógicas realizadas em toda a trajetória do movimento PRECE desde seu início.

A liderança ajudadora dos estudantes trabalhou em currículos, aulas, palestras, conversas informais, aula passeios, etc os valores humanos acima de qualquer coisa; o respeito ao credo, a cor, ao sexo, as escolhas, a preocupação com o outro, a relação com o diferente, com o inimigo, com a política partidária arcaica, dentre outros temas surgidos no percurso formativo de cada estudante, monitor, articulador, facilitador, etc. Em suma, vemos que a ação educacional precisa tem se preocupado em tornar nossas comunidades numa verdadeira pátria.

Morin diz que para se conseguir essa dimensão ética não precisamos “destruir disciplinas, mas temos que integrá-las, reuni-las uma as outras [...]todas elas, articuladas em uma concepção sistêmica da terra”. (p.115). No PRECE, a seleção de conteúdos pautava-se nos programas da escola formal visando a conclusão do ensino básico e a preparação para a universidade e em programas não-formais pensado pela liderança precisa – professor universitário, estudantes universitários e secundários integrantes do PRECE. Os temas eram sobre educação, futebol, política, agricultura, sustentabilidade, segurança, sociedade/comunidade, ecologia, etc; em muitos aspectos ligados a nossa convivência comunitária.

Concluimos ainda com Morin, ressaltando que “tudo deve estar integrado” para gerar um novo paradigma – o da interdependência - saindo da única visão que “concebe tudo de uma maneira fragmentada e dividida e impede de ver a realidade” fazendo “com

que os problemas permaneçam invisíveis para muitos, principalmente para muitos governantes”. (p.115).

2. Desenvolvimento

2.2. História de Vida de Carlos Roberto Gomes – um dos sete estudantes pioneiros do PRECE

Em 1994, Carlos Roberto Gomes concluiu o ensino fundamental (1^a. a 4^a. Série) com sua mãe, Francisca de Sousa gomes, na escola Manoel Andrade Neto. Fez da 5^a. a 8^a. Série com a professora Irismar de Almeida Costa (pelo sistema de Tele - Ensino) na Escola Manuel de Oliveira Sales na comunidade de Cacimbas, próxima a cipó. Para dar continuidade aos estudos do ensino médio ele teria que ir, diariamente, a sede de Pentecoste a 17 km de sua casa, na zona rural, em pau de arara. Porém, o maior receio era a viagem longa a qual durava em torno de duas horas (ida e volta), levando em conta que a aula começava as 7h:30m, ele pegava o carro na estrada as 6h. e terminava às 11h:30m., ele deveria entrar no carro no máximo 12h, no entanto, o caminhão demorava a retornar porque era também um carro de feira. Havia passageiros que iam ao centro da cidade para fazerem compras, então, o transporte acabava saindo em torno de 13h e os estudantes chegavam em suas casas somente as 14h, cansados e famintos, levavam a tarde para relaxar da fadiga da desconfortável viagem.

Acrescentamos ainda uma observação importante; essa rotina ocorria somente no verão, porque em estação chuvosa, a incerteza era parte do dia a dia dos estudantes, isso por causa dos rios e riachos que impediam a viagem para a escola. Essa era a rotina dos jovens que teimavam em continuar estudando para concluir o ensino básico. Percebemos no depoimento de Carlos Roberto, haver a completa ausência do poder público para construir pontes nesses rios e riachos. Além disso, eles deveria pôr um transporte adequado a serviço, unicamente, da educação. Com tanta dificuldade, muitos deles se desestimulavam e desistiam de estudar. Grande maioria dos jovens dessas comunidades rurais próximas, só concluía o ensino fundamental, ficando portanto impedidos de se desenvolverem na área acadêmica.

Essa era a situação de Carlos Roberto. Sua mãe Francisca de Sousa Gomes, sonhava em botar o filho na escola Centro Educacional João XIII, naquele contexto, tida como a melhor do município, mas quando pensava nas dificuldades de deslocamento e o dinheiro que tinha que tirar da pequena renda do esposo vaqueiro de um fazendeiro e de

seu salário de professora do município, no início da década de 90, se preocupava com o futuro de Carlos e dos outros filhos. Dona Neném, como era chamada, sentia-se cheia de dúvidas quanto ao futuro profissional deles, já que no município não havia oportunidades de emprego; a única opção que se tinha na época, era trabalhar no roçado na estação chuvosa se tivesse inverno pois a região Nordeste se define por épocas de estiagem.

O cenário de falta, carência, ausência de tudo se fecha mais ainda quando lembramos de outros personagens desse espaço social em estudo que são os governos. Esses, sempre ineficazes em implantar projetos que levassem luz e água para essas comunidades rurais. Luz que traria um mundo de aparelhos eletrônicos até então desconhecidos por aquela gente esquecida e água potável para o consumo diário e para a irrigação. Eles permaneciam indiferentes e se preocupavam apenas em transferirem rendas públicas aos seus bens pessoais, às vistas de todos.

As populações do campo sofriam muito, consumindo água não potável, buscando a mesma a longas distâncias em baldes na cabeça, dentre outras formas criativas que inventavam. No verão, restava somente trabalhar alugado nas minguadas fazendas de ovino, caprino e bovino ou pescar no açude Pereira de Miranda, nem mesmo as duas fábricas de derivados de leite e calçados que hoje há no município, ainda não existiam. Assim, era preocupante a situação dos jovens pentecostenses, no limiar da década de 90.

Diante desse contexto, Dona Neném, Carlos Roberto e Raquel, sua filha, sabendo que havia estudantes se reunindo para criarem um projeto revolucionário de estudos numa casa de farinha ociosa pela falta de projetos agrícolas que trabalhassem com a cultura da mandioca, foram conversar com o professor universitário estimulador dos jovens, Manoel Andrade Neto para poderem entender como iria funcionar o projeto. Esse encontro se deu a noite, à luz de lamparina na grande casa onde se reuniram todos os jovens interessados nessa grande ideia. A reunião foi a noite porque durante o dia, os jovens estavam na escola e outros no roçado com os pais.

Depois da conversa com Manoel Andrade, a decisão de Carlos Roberto foi de ter uma experiência de estudos no grupo que já havia a partir da orientação do professor Manoel que propôs a ele uma revisão do ensino fundamental, levando em conta que já se sabia da dificuldade dos estudantes daquele espaço com a leitura e a escrita. Carlos e os outros começaram com as disciplinas de Geografia e História, pois assim estariam praticando a leitura a partir dessas áreas – vemos aqui um iniciar do pensamento interdisciplinar que se fortalecerá depois. Segundo Carlos Roberto, com o estudo da Geografia e da História, ele foi aprendendo a interpretar e adquirir conhecimentos. Na

sequência, veio o estudo das ciências e nessa disciplina, Manoel Andrade lançou um desafio para aqueles estudantes – quem demonstrasse ter estudado mais Ciências ganharia uma viagem para Minas Gerais.

Carlos Roberto fala que em meados de 1995, o grupo pioneiro já estava mais aglutinado e fortalecido. Já tinham feito as revisões do 1º. grau e, a cada fim de semana, o professor Andrade fazia um questionário para cada um e ainda uma avaliação oral informal para sondar os conhecimentos do grupo. Essa estratégia, meio que despreziosa, contribuiu muito como elemento motivador e fez com que eles ficassem mais interessados. Esse início foi de muita “agregação do grupo”, “um aconchego positivo entre as pessoas do grupo”. (GOMES, 2016). Manoel e os estudantes criaram o time de futebol de nome Estudantina. Esse encontro para jogar uniu muito o grupo e ajudou fez com que aprendessem a conviver. Isso o fez lembrar de como iniciou tudo dentro das dificuldades, mas foi nessas circunstâncias que surgiu uma coisa tão boa, um movimento educacional campesino revolucionário.

No começo, de outubro a dezembro de 1994, Carlos Roberto (2016) diz que “ninguém sabia pra onde ia, e isso mostrava que ninguém tinha uma visão de onde chegar e como chegar e nem sabia se ia chegar, naquele início, ninguém sabia nem se existia uma universidade”. Ele comenta que acreditavam porque viam o exemplo do professor Andrade, que nasceu lá, morava lá e saiu para estudar, se formar e melhorar a sua vida para depois voltar para sonhar com eles e juntos lutarem para transformar aqueles sonhos coletivos em realidade. Os sonhos eram de mudança daquela vida dura do campesino abandonado em suas terras secas. Ao nos contar essa história, ele relembra como foi difícil o início dos estudos, a disciplina pessoal, criar autonomia, pois na semana, eles deveriam estudar sem o auxílio de um professor, somente se apoiando uns nos outros, no exemplo daqueles mais disciplinados e estudiosos, no auxílio na hora da dúvida, dentre outras interações.

O Francisco Antonio, um dos estudantes, tinha um pouco mais de experiência por ter tido uma experiência de professor das séries iniciais e esse fazia o ensino Médio no centro da cidade em uma modalidade de Educação de Jovens e Adultos para professor que estivesse em sala de aula. Todo fim de semana o professor Manoel Andrade se encontrava com o grupo e deixava suas orientações acerca dos estudos e da vida na casa de farinha. Os dois, Manoel Andrade, um idealista e estrategista desde o nascer da ideia, e Francisco Antonio, um companheiro, um estudante líder – ambos, em seus papéis, eram os motivadores principais que estimulavam o grupo dos sete. Carlos Roberto fala de modo

saudoso e alegre que, no começo, foram criados pelo professor Andrade, vários projetos e estratégias que garantiam a permanência dos estudantes naquele espaço de aprendizagens. O primeiro projeto foi o curso de datilografia. O professor Manoel Andrade buscou parcerias com uma escola de datilografia do Patronato Nossa Senhora da Conceição através da irmã Oscarina que dava a certificação e conseguiu máquinas doadas por instituições e amigos parceiros da ideia.

Para Carlos Roberto, no PRECE havia uma diversidade de conhecimentos que para ele não existia antes, aquele momento foi um divisor de águas em sua vida e não foi difícil para ele decidir não ir mais estudar no centro da cidade. O plano para sua vida estudantil havia sido traçado na sua experiência com o projeto dos sete estudantes de um modo que tornava muito claro e certo o seu futuro. Ele já havia aprendido muita coisa na revisão e na convivência, no aconchego dos amigos. Agora se sentia mais autônomo e gostava do espaço livre, aberto e cheio de plantas. Não compensaria deixar de estudar na casa de farinha para estudar no centro da cidade. Comparando o tempo que gastaria e o quanto que aprenderia na escola da sede do município com o tempo que dispenderia em estudar próximo da sua casa com o grupo de estudo, essa última, é a melhor escolha.

Tem ocorrido uma conscientização de que não se deve pôr de lado em nossas pesquisas, a dimensão afetiva. Percebe-se que a afetividade foi essencial na experiência de Carlos Roberto. Conviver no grupo de estudo pioneiro do PRECE, aprendendo com os erros e acertos e olhar pelo paradigma do cuidado foi definidor de um grupo que se reúne até hoje pelo afeto e os laços que construíram em suas trajetórias de resistência às adversidades. Sobre a afetividade Morin (2000) diz que

[...]é preciso dizer que já no mundo mamífero e, sobretudo, no mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que, por sua vez, são a mola da pesquisa filosófica ou científica. A afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais. [...]. (p. 20).

A escola não – formal dos sete estudantes, hoje chamada PRECE, em vários depoimentos de seus protagonistas, primava pela educação integral, parecida com a vida porque acontecia diariamente na convivência na casa, no campo de futebol, nos projetos sociais da comunidade, etc. Os sete falam da importância que tinham as conversas entre eles, o compartilhar das histórias de vida, dos problemas que perturbavam a mente deles

e muitas vezes tendiam a impedir os seus estudos, tudo isso era dissolvido nessa comunhão e partilha.

JOSSO (p. 41, 2004) fala que “a perspectiva que favorece a construção de uma narrativa emerge do embate paradoxal entre o passado e o futuro em favor do questionamento presente”. Vemos na fala de Carlos Roberto esse ir e vir, buscando informações que foram essenciais para a sua vida. Relata sobre as suas escolhas, as dúvidas, o espanto, o êxtase diante do sucesso e a tristeza diante das adversidades. Esse embate produz uma reflexão presente importantíssima para a definição de quem é o Carlos Roberto hoje, que impacto tem sua história de vida para ele mesmo e para o outro, para mim, entrevistadora, ouvi-lo foi algo gratificante e impactante. A autora pontua que “se a aprendizagem experiencial é um meio poderoso de elaboração e de integração do saber-fazer e dos conhecimentos, o seu domínio pode tornar-se um suporte eficaz de transformações”. (p.41).

De fato a experiência produz o saber - fazer e gera conhecimentos que nos dão a condição de competência profissional de nosso campo de atuação, de trabalho e também nos capacita para a vida, pois como somos sujeitos integrais, toda nossa aprendizagem não tem limites, ela não é algo que utilizamos somente em determinados ambientes e outros não. A nossa formação está em nós, em nossas emoções, ideias, escolhas, ações e modo de fazer as coisas, em todo lugar.

Sobre as aprendizagens, destacamos ainda uma forma de aprender por meio das referências que tomamos como dignas de nos balizarmos. No PRECE vimos um processo de corporeificação das palavras pelo exemplo, na postura dos líderes professores e estudantes que iniciaram o PRECE e isso vem perdurando até hoje. Esse dispositivo desencadeador de aprendizagens e motivação temos nomeado de pedagogia do exemplo. Sobre esse conceito, Paulo Freire destaca que

o professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do ‘faça o que mando e não o que faço’. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo. (p.34, 1994).

Na experiência, não somente o professor Manoel Andrade era exemplo vívido, corpóreo, ali presente em sua prática, mas todos os que chegavam ano a ano no projeto educativo viviam o que diziam, o que pensavam, com autenticidade. Sempre houve espaço para a crítica e o pensamento divergente. O saber fazer requeria essa ética nas

relações de interdependência presente de modo intenso, notadamente, nos primeiros anos do PRECE.

3. Considerações parciais

Esse trabalho faz parte de um projeto de tese que apenas está começando, por isso nossos resultados são ainda parciais. A partir de nossas reflexões iniciantes acerca do processo de criação e formação do PRECE por meio da visão de seus protagonistas, temos inferido que o projeto respondeu a uma necessidade enorme dos jovens rurais, inicialmente, da região vale do Curru, em Pentecoste. Esses jovens não dispunham de mecanismos públicos que dessem a eles a oportunidade para se desenvolverem através da educação.

Vimos que os conceitos constantes nos sete saberes argumentados pelo filósofo Edgar Morin estão presentes na prática educacional do PRECE. Nas várias dimensões, como a do conhecimento presente em toda a prática docente, o conhecimento pertinente que engloba a contextualização nas estratégias das aulas, dos projetos, dentre outras ações. Da identidade humana imprimida por cada um dos integrantes do PRECE, nas diferenças que matizavam a convivência de cada estudante nas suas relações. Na compreensão em que cada um lutava para exercê-la na dimensão individual e coletiva. Também nas incertezas que perpassavam as práticas realizadas, se elas dariam certo ou não, enfim vimos que há uma preocupação com o ser humano e com tudo que o cerca numa dimensão cidadã e ética da vida.

Vimos na trajetória de Carlos Roberto muita enfrentamento de todas as pessoas que o ajudaram desde sua família, os líderes da comunidade, seus colegas do grupo de estudos e a própria conjuntura do espaço social gerado pela vontade de marcar um processo de mudança de uma cultura de atraso para um novo paradigma do progresso a partir da educação libertadora e crítica. Vimos que os afetos foram primordiais para dar o equilíbrio emocional que Carlos Roberto precisava para poder tomar suas decisões com liberdade, autonomia e competência fortalecido pelo apoio da afetividade que junto ao racional deu a ele a condição de seguir seguro seu trajeto educativo.

Por fim, aprendemos a importância de realizar pesquisas como essas, partindo de uma experiência individual, mas que nela se compõe o coletivo. De um modo ou outro, estamos todos numa rede de conhecimento global. Somos o que somos porque fazemos parte de um grupo social e tudo o que viermos a ser ocorre pela relação com os outros,

assim, o indivíduo consegue sua forma de ser por meio da história de suas relações, necessidades do outro e da história social do mundo em que convive.

4. Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Carlos Roberto de Sousa Gomes. Entrevista a Carlos Roberto. Fortaleza, 29 set. 2015. Entrevista concedida a Ana Maria Teixeira Andrade. (Gravação e transcrição das informações por Ana Maria Teixeira Andrade, autora da pesquisa educacional).

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**; Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.